

9

Discurso por ocasião da inauguração da nova sede da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD) e abertura do XX Congresso Internacional de Odontologia de São Paulo

SÃO PAULO, SP, 25 DE JANEIRO DE 2002

Meu caro amigo e Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; Doutor Rafael Baldacci Filho; meus companheiros de Mesa; Senhores e Senhoras já devidamente citados aqui; Senhoras e Senhores presentes,

O Doutor Rafael Baldacci Filho foi extremamente generoso nas suas palavras para comigo. Até para todos nós aqui. Mas quero lhes dizer que não sabia que tinha sido tão complicada a minha vinda até aqui.

Os Presidentes são mais ou menos enganados. Pensam que as coisas são simples, quando são muito mais difíceis do que parecem.

De qualquer maneira, acho que os que vieram aqui, de forma precursora, se convencendo de que valia a pena a minha presença, não fizeram mais do que cumprir bem a obrigação. Vale a pena estar aqui. Vale a pena por muitas razões. Primeiro, pela luta da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas, que é uma instituição respeitável, tem 90 anos – pouco mais velha do que eu –, e que materializou um trabalho extraordinário. Essa luta, sempre, não é abstrata: são pessoas, é um conjunto de pessoas que luta, que tem ideais, que deseja fazer com que as coisas avancem e melhorem. E, quando essas pessoas vêem a concre-

tização dos seus ideais, naturalmente querem comemorar, querem alguma forma de comunhão, de fazer com que todos estejam juntos. E é mais do que explicável que o Presidente da República, neste momento, podendo, esteja junto, como estou hoje, aqui, para dizer que o Brasil inteiro, de alguma maneira, reconhece o trabalho feito por Rafael Baldacci e por todos os que lutam, nesta Casa, para que ela, realmente, cumpra os ideais desta Associação.

Ademais, hoje – o Governador mencionou o fato – é uma data muito grata para todos nós. É o dia da fundação de São Paulo. Não é sempre que o Presidente da República, morando em São Paulo, apesar disso, pode estar aqui na data da cidade. Conseqüentemente, com outros afazeres, estou longe de São Paulo. Até é raro que eu tenha vindo a São Paulo no dia 25 de Janeiro. Para mim, foi muito prazeroso poder estar aqui com o Governador de São Paulo, com os meus amigos de São Paulo, com este povo desta cidade extraordinária, deste estado formidável, sofrido, como é o Brasil, mas confiante; e que está sendo dirigido de maneira muito competente, muito correta e muito determinada por Geraldo Alckmin, que herdou as qualidades de Mário Covas e que está levando adiante todos os ideais de nós, paulistas, que queremos uma cidade decente, limpa, uma cidade progressista.

Fico contente de ver o Vice-Prefeito Hélio Bicudo aqui, presente, representando a Prefeitura de São Paulo, porque, nos momentos de comemoração, de comunhão, temos que estar todos juntos. E simboliza isso o nosso amor por esta cidade de São Paulo.

Quero expressar, portanto, também essa minha satisfação, esse amor por São Paulo. E minha presença aqui, Dr. Baldacci, é pela oportunidade que esta Associação me deu, para que pudesse estar aqui, junto de São Paulo, junto de vocês, neste dia, portanto, todos nós muito felizes e muito contentes.

Mas há mais: o Ministro Serra mostrou o grande esforço que tem sido feito no que diz respeito à área da saúde, inclusive na questão da saúde bucal. A preocupação, eu diria, obsessiva de todos nós, que temos consciência das dificuldades do Brasil, é a de melhorar as condições

sociais, diminuir as desigualdades, lutar para que haja uma vida mais decente no nosso país.

Esta Associação tem vocação de serviço, tem vocação de não apenas defender, como já disse o Dr. Rafael Baldacci, os interesses – que são legítimos – corporativos dos profissionais, mas tem também a vocação de capacitar melhor e atender melhor; e de atender os que mais necessitam, os mais carentes. É, portanto, também, um símbolo, um marco nessa caminhada imensa que é de todos nós, brasileiros, na direção de fazermos com que a nossa população tenha, cada vez mais, melhores serviços, melhor atendimento.

Não é fácil. Somos 170 milhões de pessoas, até mais do que isso. Temos desigualdades históricas. Temos problemas de grande monta. Mas sente-se também, neste nosso país, que há, hoje, a consciência da necessidade de melhorar, de avançar. E, como disse muito bem o Ministro José Serra, algum passo é melhor do que nenhum passo. Se for possível dar mais passos, melhor ainda. Não adianta apenas ficar olhando para o infinito e dizer que falta muito. É bom, de vez em quando, olhar para trás e ver que também já se caminhou.

Aqui, está-se caminhando. Esta Casa está nos ajudando a caminhar na direção que nós todos, brasileiros, queremos, de uma sociedade mais igualitária, que atenda os carentes. Para isso, precisa ser uma sociedade mais competente, porque, no mundo de hoje, nada vai substituir a competência. Nada vai substituir a informação, a absorção de novas tecnologias. E isto aqui – vi, agora, há pouco, aqui em cima, percorrendo as salas – também está sendo incorporado, neste prédio e nesta Associação. É o sentido da modernidade. Não modernidade como esnobismo, para dizer que temos, hoje, capacidade de igualarmo-nos, aqui ou ali, a tais ou quais setores do mundo, mas modernidade como um instrumento de avançar mais depressa na direção de diminuir as diferenças sociais e, portanto, atender melhor nossa população.

Essa é a nossa obsessão. Essa obsessão só foi possível se manifestar, hoje, ser – e é por todos – progressivamente realizada porque tivemos duas condições fundamentais neste país, que não foram fáceis de se obter. Uma foi a democracia. Sem democracia não haveria sequer con-

dições de a população participar. Se a população não participa, por melhores que sejam as intenções de quem governa não se consegue chegar aos objetivos. Isso foi uma construção. É uma construção, porque a democracia não é alguma coisa que se diga: “Está feita.” Está sempre sendo renovada, está sendo feita; mas avançamos bastante nessa direção.

O Ministro Serra disse que passou 14 anos no exílio. Eu passei menos. Passei 5 anos. Muitos não voltaram. O fato é que, para que nós, hoje, pudéssemos ter, como temos, liberdade, participação, cidadania, direito de criticar, greve, todos esses instrumentos que permitem à sociedade avançar, foi preciso muita modificação nas nossas instituições, mas, mais do que nas nossas instituições, nas nossas cabeças, nos nossos corações; uma determinação de avançar no sentido de que haja uma institucionalização da democracia e, depois dela, que a sociedade ficasse mais ativa e cobrasse mais, exigisse mais. Vivemos esse momento.

Esse momento, certamente, transforma a cadeira do Presidente em mais dolorosa do que a do dentista, por um lado; mas, por outro lado, em mais prazerosa também, porque nada deve ser pior do que presidir um país em que as demandas não chegam ao Presidente, em que a crítica não chega ao Presidente, em que a pressão está sufocada e não chega às ruas. É muito melhor, com todas as dificuldades, ser Presidente de um país que é capaz de desejar e de manifestar com força o seu desejo.

Essa condição da democracia foi essencial para que pudéssemos ter os avanços que começamos a ter em muitas áreas.

A outra condição – perdoem-me insistir, mas convém sempre insistir – é que se tenha a casa em ordem – me refiro à parte econômica –, senão nada se consegue. Infelizmente, para muitos de nós, que temos uma relação muito direta com alguns países vizinhos nossos, estão muito vivas, nos dias que correm, as dificuldades que se produzem quando os governos não são capazes ou as condições não permitiram – porque, muitas vezes, não é uma questão apenas de o governo desejar, é de haver condições – fazer com que houvesse um sentimento de futuro, que advém da estabilidade, da crença em que quem está governando tem legitimidade para governar.

Portanto, essa legitimidade, a democracia, e a capacidade, inclusive a competência, para fazer com que exista uma situação de estabilidade econômica são condições fundamentais para que possamos dar os passos que todos desejamos, de mais participação e de mais avanço na área social.

O Ministro Serra mencionou o que está sendo feito na área da saúde. É uma parte do que está sendo feito. Certamente, se fôssemos descrever – e não farei – o esforço feito em outras áreas, ver-se-ia que a direção é a mesma, seja na educação, seja na questão do acesso à propriedade da terra, seja na questão da erradicação do trabalho infantil. Enfim, nas várias dimensões em que se compõem as demandas da sociedade, vamos sempre ver esse esforço grande de chegar aos que mais necessitam.

E isso não se faz, reitero, sem que haja uma forte mobilização, uma forte participação dos vários setores da sociedade. Eu até diria mesmo – costume usar essa expressão muito freqüentemente, quando se fala dos esforços feitos por muitos no meu governo, que foram na direção da estabilização da economia – que a mim me dá mais satisfação um outro aspecto, que é o de estabelecer uma imensa rede de proteção social.

O que o Ministro Serra mostrou aqui foi precisamente isso. O que o Ministro Serra mostrou, aqui, foi que, digamos, sem que talvez os brasileiros todos percebessem, estamos estendendo uma tessitura: uma rede de proteção social. Isso que acontece na questão dos médicos de família, dos agentes comunitários, na reorientação no sentido da prevenção e não apenas da medicina curativa, não apenas da medicina que é necessária, de alta complexidade, dos grandes hospitais, mas do atendimento direto às populações mais carentes, esse espírito é o mesmo de quando se olha o que se faz na educação.

Colocar todas as crianças na escola pode parecer algo que é apenas retórica. Mas os dados mostram que não é só retórica: elas estão na escola. E o que mais chamava a atenção, ao ver que estão na escola, era que os que estavam fora da escola eram os mais pobres. Quando se vê uma estatística de 1990 ou de 1991, vamos ver que, nas camadas mais altas, todos já estavam na escola, praticamente todos já estavam na escola. Nas camadas mais baixas, ainda havia um déficit imenso de

escolarização. Houve um crescimento muito forte do percentual nas camadas mais pobres, de tal forma que, hoje, se pode dizer que 97% das crianças brasileiras estão na escola. Estando na escola, todas elas recebem, pelo menos, um prato de comida, todos os dias. E são 35 milhões ou 36 milhões de crianças que estão na escola. Todas elas recebem um prato de comida.

Isso não é feito apenas por um governo: é feito por uma sociedade, porque temos o governo estadual, o governo municipal, as associações de pais e mestres. Todos têm que estar juntos para que isso possa ocorrer, e possa ocorrer de maneira mais direta.

O cartão a que se referiu o Ministro José Serra há poucos instantes, no que diz respeito ao SUS – é um avanço imenso –, existe também na educação, como vai existir na Previdência Social. Dentro de pouco tempo, haverá um só cartão para que todos possam, com ele, ter um atendimento, uma cobertura muito ampla na área social.

Só no que diz respeito à bolsa-escola estamos já nos aproximando do nosso objetivo, que é o de ter cerca de 10 milhões de crianças beneficiadas por ela. Esses 10 milhões de crianças correspondem, *grosso modo*, à terça ou um pouco menos da terça parte de todas as crianças que estão na escola. Essa bolsa é entregue à família e, de preferência, à mãe, à mulher, porque ela é mais estável na relação de família; se não for possível, a quem seja co-responsável pela família. Isso permite não apenas um pequeno auxílio para a família, mas também um atestado de frequência, porque a criança tem que assistir a 85% das aulas para que possa a família fazer jus à bolsa-escola.

Uma vez recebido esse cartão magnético, faz-se um cadastramento. Isso requer, de novo, a cooperação das prefeituras. Feito o cadastramento, a pessoa tem o direito de receber. É cidadania. Não precisa do vereador, do deputado, do senador, do governador, do prefeito, do Presidente da República, de ninguém. Tem o direito de receber, com aquele cartão. Não tem intermediário. Portanto, não há nem manipulação política nem corrupção.

Essa rede está sendo estendida progressivamente. Costumo dizer que nós, no Brasil, sempre tivemos um Estado de mal-estar social. E tínha-

mos um Estado de mal-estar social. O que temos aí, hoje, ainda não é um Estado de bem-estar social, mas estamos plantando as sementes ou, se preferirem, criando os fundamentos para que, no futuro, tenhamos, efetivamente, um Estado que seja capaz de carrear recursos dos que mais têm para que cheguem às mãos dos que menos têm. E carrear esses recursos da forma mais direta possível, de tal maneira que isso tenha um efeito imediato e que eles não sejam carreados sob a forma humilhante do pistolão ou do favor, senão que sejam carreados sob a forma de um direito de cidadania.

É para esse Brasil que nós nos orientamos. Vejo, aqui, esta instituição com essa mesma orientação, com o sentimento de que temos uma responsabilidade social e que, por mais que tenhamos outras dimensões de responsabilidade – e temos, certamente –, nunca poderemos deixar perder de nossa vista essa questão fundamental, que é a da solidariedade, da necessidade de entender sempre que tudo que se faça tem que ter uma dimensão de solidariedade. Esta instituição tem uma dimensão de solidariedade. Ela traz essa marca distintiva. E ela é fruto da democracia, porque é uma organização de classe, uma organização que requer liberdade para que possa existir, requer que o Estado não sufoque, mas seja parceiro, faça convênios, como já fizemos com o Ministério da Educação para o funcionamento dessa escola; e que, ao fazer o convênio, não estejamos aqui para tolher a iniciativa da própria Associação, senão que seja apenas um modo de ajudar a que esta Associação tenha mais e mais iniciativas.

Talvez seja isso o traço mais característico do mundo contemporâneo: a liberdade e a inovação. Se não tivermos liberdade, não teremos inovação. Se não tivermos inovação, não teremos como atender às necessidades, sobretudo, repito, em um país como o nosso, com essa vastidão e com essas desigualdades, onde a tecnologia pode ser a ponte que nos ligue de um passado, que não foi brilhante, para um futuro que, espero, seja mais venturoso.

Já estamos construindo essa ponte. Essa ponte requer competência, repito. Nós, hoje, no Brasil, produzimos 6 mil doutores por ano, Ph.D – 6 mil Ph.Ds por ano! Isso foi um aumento gigantesco. Nem se compara

com o começo dos anos 90. Isso equivale ao mesmo número de doutores que a Itália forma. Evidentemente, o Brasil tem o triplo da população da Itália, mas tem menos de uma terça parte da renda *per capita* dela.

Já existe, portanto, uma capacidade acumulada na sociedade brasileira. Dei um dado, por acaso, do número de doutores que se formam. Existe uma capacidade acumulada para que possamos, hoje, não aceitar mais a incompetência nossa de não fazer com que as diferenças sociais diminuam e deixar que ainda exista tanta gente carente. Ninguém pode mais aceitar isso. O Estado brasileiro tem a obrigação de se refazer, como estamos tentando refazê-lo – aliás, em alguma medida, já conseguimos –, para que ele possa ser sensível a essas demandas e, ao mesmo tempo, competente para atingi-las.

É por isso, Dr. Baldacci – e, ao citar seu nome, me refiro, naturalmente, a todos aqueles homens e mulheres que trabalham na profissão – que estou aqui, com muita alegria, para convidá-los também a que continuem com essa preocupação, para convidá-los a terem a firmeza e, ao mesmo tempo, a crença de que estamos, efetivamente, no limiar de resolver problemas que nunca foram resolvidos.

Só me referirei a um, que é o da extinção do analfabetismo, que me é muito caro, como professor que fui a vida inteira – e sou. Na Universidade de São Paulo, fomos colegas. Não sei se na minha geração – a idade pesa –, mas, quem sabe, certamente, na geração do Governador Geraldo Alckmin, vamos acabar totalmente com o analfabetismo no Brasil.

Quando nasci – em 1931 –, seguramente, o número de analfabetos superava o dos alfabetizados. E superava bem, bastante. A vida inteira se falava – como se falou no passado da escravidão como uma nódoa que limitava o Brasil – que um país de analfabetos e de doentes não podia jamais ser uma grande nação.

Pois bem, conseguimos, hoje, chegar a um ponto em que se pode afirmar, sem demagogia, que estamos acabando com o analfabetismo no Brasil. Evidentemente, para quem vem de fora – aqui, há muitos que vêm de países mais avançados, mais desenvolvidos –, pode parecer até alguma coisa patética que o Presidente da República esteja saudando o fim do analfabetismo. Mas nós, brasileiros, que temos memória históri-

ca, sabemos que poder dizer que, sim, esse é um assunto que já está resolvido – em questão de tempo, porque os analfabetos que estão aí são os do passado; as crianças estão na escola, e estamos reduzindo também a massa de analfabetos – é um sinal que me parece extremamente positivo, para mostrar a nossa esperança de um Brasil melhor.

Esta Casa, espero, vai nos ajudar a continuar nesse caminho de crença. Desejo felicidades a vocês todos que aqui trabalham e, sobretudo, àqueles que vão se servir das oportunidades abertas pela inauguração desta Casa, que, certamente, vai continuar sendo, pelos séculos afora, um marco de um novo Brasil.

Muito obrigado.